

pode esperar das 3 aulas de portuguez nella ministradas? E' ahi tem fim o estudo do nosso idioma. O portuguez historico da 4ª serie, materia de um curso superior de letras, redunã em pura perda de tempo, visto que os alumnos ignoram completamente o latim.

Mas não é tudo. Em muitos collegios parece que os professores, persuadidos que o estudo do portuguez é mera formalidade, despendem as poucas horas, de que dispõem, com essa byzantinice do que imprpropriamente chamamos analyse logica. Cada grammatico, ou melhor, cada professor forja sua terminologia propria. Os alumnos devem descobrir em cada oração, além do sujeito, do predicado e do complemento, o que nada lhes custaria se tivessem um bom principio de latim, mil adjuntos com denominações abstrusas. Concluido o curso, depois de se terem martyrisado nesse malabarismo insano, os jovens bachareis, na sua quasi totalidade, não sabem distinguir o pronome *que*, sujeito, do mesmo pronome, objecto directo. Já não falo nos famigerados diagrammas, delirio grammatical, confusão de linhas, exotismo que attinge o auge do ridiculo e nem se concebe como haja quem pretenda impingil-os á nossa mod-

dade, já tão explorada por innovadores temerarios.

A essas puerilidades, paizes cuitos como a França, a Italia, a Alemanha, a Belgica, sem desprezar os elementos da grammatica, substituem, no curso gymnasial, o estudo consciencioso dos mestres da lingua que vão passando ante os olhos curiosos dos jovens com sua graça e concisão, sua pureza e luminosidade, quaes outros tantos pharões e guias seguros a desvendalhes o caminho do triumpho nas lides literarias. E' nesse diuturno convívio com os classicos que em todos os paizes civilizados se aprimoram milhares de jovens intelligencias, dentre as quaes surgem de tempo a tempo esses vultos sobranceiros de escriptores impeccaveis que deixam profundo vestigio na historia de um povo e projectam além das fronteiras da patria a luz do genio que nelles se accendeu.

Seria, da nossa parte, dar mostras de mentalidade fossil e de acanhado nacionalismo, relegar para segunda plana, no ensino do portuguez, os mestres antigos para dar a preferencia aos escriptores nacionaes. Venham estes, mas paralelamente aos grandes classicos. Haja vista o exemplo da Belgica. Tem esse paiz sua litteratura propria; no entanto os unicos autores indicados pelos programmas do 6º anno dos numerosos collegios dos Jesuitas são

A BOA LINGUAGEM NAS SCIENCIAS E NAS ARTES

(P. Arlindo Vieira S. J.)

Bossuet, Racine, Molière e Corneille. Seguem o mesmo criterio os canadenses e, no estudo inglez, não poucas High-Schools americanas.

E' decisiva a influencia dos grandes mestres na formação do estylo e do bom gosto. Brunetiere, autoridade nesta materia, afirma "que o que constitue propriamente um classico, é o equilibrio de todas as faculdades que nelle concorrem para a perfeição da obra de arte, um vigor da intelligencia e do sentimento, como a saude do corpo é o equilibrio das forças que resistem á morte". (E'tudes critiques, 3ª serie).

Podemos applicar aos mestres do nosso idioma o que elle diz dos classicos gregos e latinos: "São elles lucidos, firmes, moderados. Para desenvolver uma idéa, seguil-a em suas consequencias, decompô-la em suas partes, e recompô-la quando preciso, nada accrescentar que lhe seja estranho, são elles sem rivaes".

"Por isso, a seu lado, sentim-nos com confiança e segurança. Não são guias arrojados que cau-

sam vertigem aos que os seguem; caminham com passo lento e prudente. No convívio dos classicos o espirito só pode adquirir bons habitos". (Idem).

E' desse thesouro, senhores, que privamos a nossa mocidade. Seria maravilha encontrar em nossas escolas superiores um jovem que tenha alguma dia recreado o seu espirito com a leitura de um sermão de Vieira ou de um canto de Camões. Dos Lusladas conhecem apenas os primeiros versos e isso para mettel-os a ridiculo. Entretanto, os versos do grande épico, algumas paginas de Vieira ou de Luiz de Souza contribuem mais para o conhecimento da lingua do que o estudo das obras completas de um romancista mediocre. E' verdade que hoje não falamos como Vieira e Bernardes, mas é tambem verdade que falamos a lingua de Vieira e Bernardes. Seria rematada insensatez chegar os labios á torrente lodosa dos caminhos, quando temos á mão a limpha pura e chystallina que em espadanas jorra da fonte.

Ruy Barbosa, o mestre insigne, a quem o mais exigente purista lusitano pode admirar e imitar, foi buscar nos classicos a seiva fecunda que rebentou em flores e frutos de um estylo correcto, claro, magestoso, dominador.

Em sua magnifica bibliotheca encontramos a 1ª edição de Vieira e a edição de 1854, ambas annotadas da primeira á ultima pagina. Encontram-se allí, tambem, com os mesmos vestigios de assiduo manuseio, as obras completas de Antonio Ferreira, Gil Vicente, Fernão Lopes, Heitor Pinto, Jacintho Freire, João de Barros, Filinto Elysis, Thomá de Jesus, Bernardes, Luiz de Souza e outros muitos.

Parece, entretanto, que Vieira era o autor predilecto do eminente jurista. Subscreveria elle de boamente estas palavras do publicista portuguez Fernandes Costa: "Tem sido grande a influencia de Vieira, não só desde o seu tempo, mas ainda com mais intensidade desde a restauração moderna da nossa litteratura, na evolução da lingua portugueza, e

na fixação da sua forma definitiva, sendo elle o mestre primario dos nossos oradores sagrados e profanos, dos nossos escriptores imaginosos e eruditos, dos nossos publicistas, e até dos nossos grandes humoristas e dos nossos maiores poetas. Vieira — e esta asserção não admite duvida alguma — foi o lapidario maximo da nossa linguagem opulenta e formosissima. Com elle aprenderam a polir e a burillar a phrase Garrett, Castilho, Herculano e Camillo; com elle ensaiaram os seus mais arrojados vãos as agulhas da moderna eloquencia tribunicia, que se chamaram entre nós José Estevão, Rebello da Silva, Rodrigo da Fonseca e ainda Garrett, essa exuberancia talentosa, multiforme e multicôr, que tão grande esteira deixou após si por toda a parte onde passou".

(Artigo publicado no Correio Nacional, de 18-7-1897).

Consequencia natural do amor aos mestres abalisados do falar e escrever com acerto, é o anseio da juventude em procurar asse-

nhorear-se das fontes incorruptas em que foram buscar inspi- ração os que nos legaram esses monumentos da lingua.

Refiro-me ao estudo do latim, fonte perenne de ideal e de belleza, caudal majestoso que nutriu as gerações passadas e ainda hoje aviventa toda a litteratura moderna. A elle recorrem, como a meio insubstituivel de acabada formação intellectual, não só francezes, hespanhões e italianos, povos latinos, senão tambem holandezes, allemães e inglezes.

O nazismo tornou obrigatorio o ensino do latim em todas as escolas secundarias da Alemanha e ninguem ignora o prestigio dos celebres Public-Schools da Inglaterra, hoje cerca de 250, viveiros de cultura classica que acolhem o escol da mocidade e preparam os futuros dirigentes do paiz. A nova lei do ensino da Hespanha traz esta opportunissima observação: "A cultura classica e humanistica é universalmente reconhecida como a base insuperavel e fecunda para o cultivo das jovens intelligencias. Uma

Conferencia promovida pelo DIP e realizada no Palacio Tiradentes a 27-2-940

apologetica copiosissima e convincente pudera invocar-se em seu favor. Baste-nos enunciar entre suas decisivas vantagens: o incomparavel poder formativo do estudo methodico das linguas classicas: o desenvolvimento logico e conceptual extraordinario que produzem sua analyse e comprehensão nas intelligencias juvenis, dotando-as de uma potencialidade fecundissima para todas as ordens do saber; o procurar esta formação caminho seguro para a volta á valorização do ser authentico da Hespanha, da Hespanha formada nos estudos classicos e humanisticos de nosso seculo XVI, que produziu aquella pleiade de politicos e guerreiros — todos de formação religiosa, classica e humanistica — de nossa época imperial para a qual retorna a vocação heroica de nossa juventude; poder formativo e politico corroborado notavelmente com o exemplo das grandes nações imperiaes modernas: e bastaria, finalmente, a consideração da necessidade de dar, nas circunstancias mundiaes presentes, sua plena valorização aos fundamentos classicos grego-latinos, christão-romanos de nossa civilização europeã."

Senhores, sobre a necessidade do latim fale, por todos os mestres e autoridades na materia, o notavel lingusta Meillet: "E' no latim que se unem as linguas romanas; a quem sabe o latim são

já melo familiares o italiano, o hespanhol, o portuguez, o francez. Abandonando a cultura latina, os povos de lingua romana renunciariam a tudo quanto constitue sua unidade e, face a face com outras linguas, diminuiriam a capacidade de resistencia da suas". E' pouco adiante: "Foi imitando a articulação elegante e solida das phrases latinas que os autores europeus aprenderam a arte de escrever. A parte intellectual de todas as linguas litterarias da Europa occidental está nutrida de latim".

(Les Langues dans l' Europe nouvelle, éd. 1925, ps. 263, 284).

Observamos com prazer que essas idéas novas e progressistas vão conquistando nossos educadores. E' isso prenuncio de dias melhores para o ensino e particularmente para o saneamento do nosso bello idioma que está precisando muito da seiva fecundante da lingua mãe.

O exmo. sr. Ministro da Educação acaba de anunciar a reforma radical do ensino secundario.

Que a nova reforma restabeleça o estudo do portuguez em seu posto de honra e de todo prestigio ao latim, para que assim consiga descerrar mais amplos horizontes a essa mocidade intelligente e promissora, capaz de elevar bem alto o nome do Brasil no concerto das nações civilizadas.